

O PROFESSOR DE PORTUGUÊS JUNTO AO ALUNO, USUÁRIO DA LÍNGUA

Elisa Guimarães*

Resumo: O ensaio tem em mira apresentar propostas da Lingüística contemporânea em relação ao ensino/aprendizagem da língua.

Palavras-chave: Ensino; aprendizagem; competência comunicativa.

Envolvendo necessariamente três vértices – professor, aluno e matéria –, o ensino/aprendizagem da língua representa a via que os coloca num processo contínuo de interação.

Se, de um lado, professor e aluno desempenham papel ativo, agindo e reagindo a estímulos variados, segundo caracteres diferenciados em cada indivíduo, de outro, a matéria – objeto de ensino/aprendizagem – sofre a ação, enquanto, por sua organização interna, desencadeia e alimenta essa mesma ação.

Podendo e devendo ser considerado o vértice mais atuante da relação – uma vez detentor do domínio do saber –, o professor dispõe da faculdade de escolha da forma de transmissão desse saber. Novos referenciais, novas formas de apresentação assumem o peso do desafio no âmbito do trabalho do mestre.

Desafio este que se reveste de consideráveis dimensões quando se trata de orientar o ensino/aprendizagem segundo parâmetros condizentes com as propostas atuais de formas de adequação do uso e do ensino de língua.

Vivemos hoje numa sociedade mais permissiva do que nunca. Permissiva e pragmática – o que supõe, entre outros, um preço de natureza lingüística.

Princípios normativos do sistema formal e abstrato da língua chocam-

* Professora de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP.

se com a posição dessa língua situada entre dois pólos: o da *regra* e o da *infração*. Princípios de liberdade integram-se no processo de comunicação, seja na forma oral, seja na forma escrita.

A matéria é, pois, complexa. O aluno, diante dela, tropeça e até mesmo se angustia; o professor se questiona: – Afinal, como ensinar? O que exigir? Sobre quais princípios fundamentar o estudo para um uso adequado da língua? Quais os critérios de correção lingüística de uma comunidade?

É para essas questões que o presente ensaio tem em mira sugerir algumas possíveis formas de equacionamento e solução.

Convém lembrar, numa primeira instância, o duplo aspecto encerrado na língua como sistema, ou seja, um conjunto de imposições, definidor da parte normativa, que explica a permanência ou que manifesta a estabilidade do sistema lingüístico. O segundo aspecto concretiza-se num conjunto de liberdades, indicador da parte consultiva, que se reporta à inovação, desde que não sejam afetadas as condições funcionais do sistema.

O equilíbrio desses dois ângulos permite que uma dada língua mude e continue sendo a mesma na sua essência. Trata-se de um código próprio, genericamente inviolável, caminhando *pari passu* com uma matéria plástica, flexível. Diante da língua, estamos diante de um organismo vivo, sujeito, por conseguinte, a mudanças. Mudanças que se vão operando numa variedade de *registros*, de *níveis*, de *modalidades*, de *variantes*, afinal.

Com efeito, forçado a variações em seu desempenho lingüístico, o usuário da língua, à medida que convive socialmente, torna-se “poliglota em sua própria Língua”.¹

Os problemas da variação lingüística tanto dizem respeito às condições individuais quanto estão relacionados com a interação social do falante.

No momento em que nos expressamos, refletimos influências de ordem vária: de nossa origem geográfica, do nível cultural que atingimos, da profissão que exercemos, da experiência adquirida, de nossa vivência como membros de uma comunidade.

São fatores externos ao ato de fala, aos quais se acrescentam outros, tais como a situação de comunicação em que nos encontramos, o tema sobre o qual expomos idéias, as condições culturais de nosso interlocutor, o grau de familiaridade que marca nossas relações mútuas.

Vemos, portanto, atuantes no processo de utilização da língua três tipos de espaço:

1 *espaço geográfico* – a produção lingüística deixa-se marcar pela região de onde procedem os falantes;

2 *espaço social*, que se pode desdobrar em:

a) “espaço coletivo”, acarretando as variedades de fala culta *versus* fala não-culta;

b) “espaço intra-individual”, donde as variantes de registro, devidas aos diferentes graus de formalismo que envolvem os locutores: língua

¹ BECHARA, Evanildo. Ensino da gramática. Opressão? Liberdade? São Paulo: Ática, 1985.

coloquial *versus* língua refletida. A expressão *língua refletida*, emprestada de *estilo refletido*, é de Herculano de Carvalho,² que a concebe como linguagem elaborada, menos corrente, menos usual.

c) “espaço individual”, de que resultam os *socioletos* – linguagem dos jovens e dos velhos, dos homens e das mulheres.

3 *espaço temático* – a forma de elaborar os tópicos conversacionais ou textuais matiza igualmente os registros lingüísticos selecionados, dando origem à linguagem técnica, por contraste com a linguagem corrente, ao discurso pessoal ou definido, por contraste com o discurso impessoal ou indefinido etc.³

Convém que o professor de Língua Portuguesa, atento a essas variações – prova do caráter dinâmico e flexível da língua –, conscientize o aluno da necessidade de delas fazer um *uso adequado*. Que adequação será essa? Podemos vê-la como resultante de um uso mais eficiente da língua, ou seja, uma utilização apropriada às diversas situações nas quais se pode encontrar o falante.

O adequado implica a aquisição de novas habilidades de uso da língua. Habilidades que propiciam maior capacidade de expressão, isto é, de desenvolvimento pleno da *competência comunicativa* do aluno.

Cabe ao professor a tarefa de levar o aluno a operar com a linguagem, a perceber nesse exercício a riqueza das formas lingüísticas disponíveis para suas diversas opções.

Define-se melhor o assunto em *termos de adequação*, evitando-se posições radicais como certo/errado, correto/incorreto – o que corresponde mais fielmente às propostas atuais da Lingüística e, na sua esteira, da didática do ensino da língua.

Preceitos básicos da moderna Teoria da Comunicação apontam para a necessidade de se manter a adequação da linguagem vinculada tanto ao contexto/situação quanto às características socioculturais do nosso interlocutor. O professor, por exemplo, faz uso na sala de aula de um tipo de linguagem certamente diferenciado daquele do qual se utiliza numa recreação com colegas.

Apoiámo-nos em níveis diferentes de linguagem quando nos comunicamos, por exemplo, com uma autoridade em matéria de conhecimentos lingüísticos, com um indivíduo de nível médio de cultura ou com um analfabeto. É comum, por exemplo, a seguinte reação – Você é professor de Português? – Sim. – Ah! Então, para conversarmos, devo prestar atenção à maneira como falo...

Convém ainda discernir a *norma* e o *uso* – este estribado numa norma que chamaríamos *comum*, *hipotética*, que comporta uma combinação das regras da Gramática Normativa com as permissões facultadas pelo uso.

Assim, abebera-se o aluno das águas adormecidas na língua feita, e de águas vivas na língua que se faz. Na escola – lugar por excelência onde se exerce a atividade normativa –, assegura-se a continuidade e se conquista,

2 CARVALHO, José Herculano. Teoria da linguagem. Coimbra: Atlântida, 1973.

3 CASTILHO, A. T. Teorias lingüísticas e ensino da gramática. In: __. Língua Portuguesa. Diário de classe III. São Paulo: FDE, 1994. p.22.

pela educação, o respeito dos bons usos. Sustenta-se aí o ensino da língua padrão como compromisso político fundamental da escola. Na sociedade – espaço por excelência onde se integram variações lingüísticas –, recolhem-se condições para o uso adequado da expressão.

Oferecem-se, pois, ao aluno um *tempo de aprendizagem* e um *tempo de expressão*. O primeiro formado de exercícios próprios à aquisição do domínio das regras gramaticais; o segundo, tecido de momentos em que se realizam diferentes tipos de discurso.

O *tempo de aprendizagem* compromete-se com o estudo da Gramática; o *tempo de expressão* alinha-se no nível do texto.

Detenhamo-nos, em primeiro lugar, na questão do *tempo da aprendizagem* comprometido com reflexões de ordem gramatical.

E perguntemos: como conciliar as exigências próprias da Gramática Normativa com a permissividade sugerida por novas propostas do ensino/aprendizagem da língua?

O caminho que parece ser o mais indicado para o estudo eficaz da Gramática será apresentar ao aluno a situação do uso da língua ou a *Língua em funcionamento*. Recobra-se, por esse meio, o verdadeiro sentido de qualquer estudo de natureza gramatical: justificar o significado desse ou daquele aspecto no âmbito geral da linguagem.

É no exercício de operação sobre a linguagem que se apreende, por exemplo, a articulação das estruturas sintáticas, bem como as diversas funções exercidas pelos termos que constituem tais estruturas. Assim também se apreende o papel da morfologia nos processos sintáticos e o valor das diversas classes de palavras na construção do texto.

Mais importante do que dividir e classificar orações é captar os nexos que as integram umas às outras, por procedimentos diversificados: relações de causa e efeito, por exemplo, traços de caracterização apontados pela oração adjetiva, processos circunstanciais expressos na oração adverbial etc.

Cabe ao professor explorar a riqueza e a variedade dos recursos lingüísticos em atividades de ensino gramatical articuladas com o emprego desses mesmos recursos para a interpretação e produção de textos em situações de interação comunicativa.

Só assim será possível recuperar no estudo de aspectos gramaticais a dimensão da *Língua em funcionamento*.

O ponto-eixo desse exercício, que se insere no *tempo da expressão*, é o texto/discurso nas suas diferentes modalidades de ser produzido e interpretado.

Há três décadas, vem-se projetando um movimento de valorização do texto – realização que se deve às propostas da Lingüística Textual, segundo as quais uma descrição-explicação do funcionamento da língua que se limite ao nível da frase é insuficiente para servir de base teórica ao ensino/aprendizagem do funcionamento do texto.

De fato, a competência textual identifica-se como uma competência específica e não como simples expansão de uma competência frásica, dado que, não obstante realizar-se numa seqüência de frases, o texto configura-se numa unidade global, dando expressão a uma intenção comunicativa unitária.

É esta a visão a ser transmitida ao aluno em sala de aula de Língua Portuguesa, quando no desempenho das atividades de leitura, de interpretação e de redação.

Considerado o texto à luz de uma *função pragmática*, isto é, dentro das finalidades de informação a que se destina, é válido insistir no princípio de que todo e qualquer texto existe numa situação comunicativa. E tanto mais esse texto cumprirá sua função, quanto mais atingir um nível de significação em relação a esse contexto.

Dessa interdependência resulta a maior capacidade de captação da rede discursiva a que ela dá lugar.

Não obstante sua importância, o peso das considerações de ordem sociológica não deve relegar para segundo plano o processo de construção lingüística do texto – interesse primeiro de uma aula de Língua Portuguesa.

Courtine pressupõe que “O texto materializa o contato entre o ideológico e o lingüístico no sentido de que ele representa no interior da Língua os efeitos das contradições ideológicas”.⁴

Lembra ainda Schmidt que

*os textos têm uma relevância sócio-comunicativa na medida em que a textualidade do ato comunicativo, a título de instituição social, vem constituir um elo entre a interação social e o encadeamento de elementos lingüísticos.*⁵

Concebe-se, assim, o texto como produto definível simultaneamente no nível lingüístico e no nível social – o que exclui sua concepção como estrutura puramente verbal e abordável exclusivamente por fatores lingüísticos.

Assim, cabe ao professor de Língua Portuguesa chamar a atenção do aluno para o conjunto dos procedimentos lingüísticos e discursivos que fundamentam a estabilidade e a homogeneidade do texto.

Tenha-se, por exemplo, o parágrafo como ponto canalizador dos diferentes movimentos que dinamizam o texto e que, bem concertados, fazem desembocar idéias simples em idéias complexas. Acentue-se a importância da função do parágrafo como espaço no qual se distribuem os fatores de coesão estrutural, bem como os de coerência conceptual.

É, por conseguinte, de suma importância que nos processos constituintes da organização do texto se dê especial relevância à maneira como se estruturam, se combinam e se desenvolvem no texto os elementos que garantem a coesão e a coerência discursiva.

A percepção desses mecanismos, decorrente do trabalho com o texto em classe, acaba por inspirar ao aluno uma certa disciplina mental de abordagem – fato do qual pode decorrer a transformação desse aluno num leitor ativo, ou seja, capaz de julgar o texto, de relacioná-lo, de analisá-lo adequadamente.

4 COURTINE, J. J. *Définitions d'orientation théoriques et construction de Procédures en analyse du discours*. Philosophiques, v.IX, n.2, p.240, 1982.

5 SCHMIDT, J. Siegfried. *Lingüística e teoria do texto*. Trad. de Ernst F. Schumann. São Paulo: Livraria Pioneira. 1978. p.168

No processo de captação das linhas organizadoras, bem como das linhas definidoras da significação do texto, há etapas progressivas. A trajetória pelas linhas e entrelinhas, pelo dito e pelo "não dito" (emprestada a já consagrada expressão de Ducrot), cumpre-se num trajeto que se estende da *compreensão referencial à leitura crítica*. A sintonia dos dois processos resultará na leitura madura, produtiva.

Os dois exercícios – o de leitura e o de produção de texto – ter-se-ão efetivado, por exemplo, em torno de uma leitura que permita aprofundamento nas linhas essenciais do texto, num exercício concomitante de reconhecimento e seleção entre essência e acidente, linhas fundamentais e linhas secundárias.

Esta parece ser a via indicada para guiar o aluno na tarefa de (re) construção da textualidade, entendida como "*la cohérence particulière qui fait qu'un texte est un texte*"⁶ ou a textualidade entendida como a rede de relações que faz que um texto não se reduza a um simples somatório de frases; revela uma conexão entre as intenções e as unidades lingüísticas que o compõem, por meio do encadeamento de enunciados dentro do quadro estabelecido pela enunciação.⁷

É bem este ainda o caminho proposto para, em aula de Língua Portuguesa, orientar o aluno no sentido de operar não tanto sobre a linguagem, mas *com* a linguagem, por meio de textos produzidos por ele próprio.

O exercício de produção de texto oferece margem para a aplicação da multiplicidade de recursos existentes na língua; completa, por isso, o exercício de captação, de análise e de interpretação dessa mesma multiplicidade.

Compete ao professor, ao lado do ensino das articulações do texto, sistematizar para o aluno a variedade de discursos que lhe marcam o contexto escolar, levando-o a inteirar-se das determinantes dessa variedade. E o professor de Língua Portuguesa estará oferecendo ao aluno condições excelentes para preenchimento em plenitude do seu *tempo de expressão*.

As incidências do trabalho com o texto representam, sem dúvida, um convite à avaliação da atuação didática do professor de Língua Portuguesa, bem como da especificidade de sua função em sala de aula, como disciplinador da atividade do aluno no trabalho com o texto.

Em todas essas perspectivas relacionadas com o texto nas suas múltiplas dimensões, define-se e firma-se a função do professor de Língua Portuguesa.

A JEITO DE CONCLUSÃO

Das reflexões levadas a efeito ao longo deste ensaio, parecem exatas as seguintes conclusões:

6 WEINRICH, H. Grammaire textuelle du Français. Paris: Didier/Hatier, 1989. p.25. ["a coerência particular que faz que um texto seja um texto". (N. E.)]

7 HALLIDAY, M. A., HASAN, R. Cohesion in English. London: Longman, 1975.

1 A Gramática completa de uma língua viva deveria registrar a variabilidade e evolução, ou as tendências evolutivas, das regras gramaticais. Só línguas mortas são retratáveis num *corpus* fechado de regras. Portanto, o livro-gramática deverá estar sempre sendo atualizado.

2 Democratizar o ensino da Língua Portuguesa não é nem rejeitar a língua sustentada – penhor de acesso às riquezas culturais – nem excluir as outras, e entre as quais aquela trazida à escola pelo aluno.

3 Não se trata de comungar passivamente com tudo o que diz a Gramática; antes, cumpre saber criticá-la e inseri-la num sistema aberto que exhibe a possibilidade de escolhas múltiplas.

4 A Gramática propõe-se como instrumento para alcance da forma ideal de expressão. É, por conseguinte, meio e não fim.

5 É importante que o aluno tenha acesso ao privilégio de saber variar os registros e apreciar em conseqüência o discurso do outro.

6 O ensino gramatical beneficia-se com os resultados incontestes e consagrados da pesquisa lingüística.

7 O culto da Gramática tradicional não impede que se assimilem do lingüista as contribuições fundamentais. A parte gramatical, mantendo, embora, os vínculos com a tradição, procura repensar os fatos gramaticais dentro das conquistas da Lingüística contemporânea.

8 Assiste-se atualmente à queda de certos preconceitos que dominavam o ensino de Língua Portuguesa, tais como a primazia do literário sobre o coloquial, da escrita sobre a fala, do diacrônico sobre o sincrônico.

9 Tem-se como ideal não um falante passivo e recipiente, mas ativo e interferente.

10 Enfatiza-se a importância do trabalho com o texto – unidade maior de investigação da Língua em funcionamento, na aula de Língua Portuguesa, onde a mesma língua é simultaneamente o meio, o objeto, o objetivo.

11 Os recursos múltiplos da Língua Portuguesa fundem-se na constituição do texto bem arquitetado – recursos cuja exploração redundam em garantia de uma competência discursiva ligada à competência lingüística.

12 Valorizam-se incidências do trabalho com o texto na definição da função do professor de Língua Portuguesa – este em sintonia com o aluno e a matéria – os três vértices de uma necessária e sadia integração.

Abstract: The aim of this paper is to present the propositions of contemporary Linguistics in relation to the teaching and the learning of the language.

Keywords: Teaching; learning; communicative competence.

